

## LANÇAMENTO DO LIVRO DE MYRNA MONTENEGRO NA FEIRA DO LIVRO

O livro da Doutora Myrna Montenegro (MM), “Aprender a Ser Cigano Hoje – Empurrando e Puxando Fronteiras” foi lançado na Feira do Livro em 3 de setembro, tal como tínhamos anunciado no nº 96 da Caravana. Abriu a sessão o Presidente da Cáritas Dr. Eugénio Fonseca que lembrou o conhecimento que tinha tido com a autora no Bairro da Bela Vista em Setúbal, quando era Presidente da Cáritas de Setúbal. Em seguida falaram Francisco Monteiro (FM), Diretor Executivo da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, instituição que promoveu a publicação e Denis Abreu (DA), membro da Direção da FECALP (Federação Calhim Portuguesa).

FM afirmou que

o livro, mais do que a tese de doutoramento da drª Myrna Montenegro, é a síntese da sua vida. E acrescentou: “e não foi uma vida qualquer, a da drª Myrna. Foi uma vida que se pôs à escuta, que dialogou, com pessoas, com crianças, com famílias.

Que pessoas? Pessoas de uma etnia específica que veio para Portugal há cinco séculos e que sendo portuguesas, querem e têm o direito de se manterem ciganas. E esse direito é-lhes negado tantas vezes. Para a drª. Myrna, essas pessoas, ciganas, com uma cultura própria, sempre foram, acima de tudo, pessoas, com quem a drª. Myrna caminhou, lado a lado, coração com coração, pessoas.

(Continua na pág. 2)



### Editorial

Quatro temas principais preenchem as páginas deste número da Caravana que se aproxima rapidamente do nº 100 (da 3ª Série): o testemunho a um tempo vivido e científico da vida de Myrna Montenegro, dedicada aos ciganos, e agora lançado em livro pela Cáritas; a dedicação verdadeiramente heroica às comunidades ciganas por parte do Secretariado Diocesano de Lisboa da Pastoral dos Ciganos, face ao drama do Covid 19; a constatação das deficiências da implementação das estratégias nacionais para a inclusão dos ciganos e as expressões infelizmente frequentes de anticiganismo interesseiro, injusto e desumano. Quatro temas, alguns notáveis na linha

da recente Encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, outros ou tíbios nos resultados ou francamente repugnantes. Qual a conclusão a tirar deste coro de vivências, umas amigas da fraternidade entre as pessoas, mesmo relativamente àquelas que têm culturas próprias, outras titubeantes neste domínio ou abertamente inimigas da fraternidade entre os seres humanos? Que o bem há de vencer o mal, que Jesus Cristo que morreu por todos os homens e não apenas por alguns, venceu o mundo (Jo 16, 33) e há de triunfar sobre os ódios e os egoísmos; que vale a pena reconhecer “Cristo em cada ser humano” (*Fratelli Tutti*, Oração cristã ecuménica).

Francisco Monteiro

(Continuação da pág. 1)

É este, o livro da vida da dr<sup>a</sup>. Myrna que agora, pela iniciativa e com o apoio da Editorial Cáritas, com o carinho da Pastoral dos Ciganos e com a voz acima de tudo humana e fraterna da Igreja, através da presença do Sr. Cardeal Patriarca, é esse livro que temos hoje aqui connosco.

Nesta apresentação, não podíamos deixar de ouvir os protagonistas destas vivências, aqueles cujo sofrimento existencial, cultural e social clama por amor, por justiça e por atitudes claras e decididas e que são os próprios ciganos. O Sr. Dinis Abreu, em representação da única Federação de associações ciganas em Portugal, a FECALP, deu-nos o gosto da sua presença e das suas palavras. Obrigado Sr. Dinis: no futuro carregado de nuvens escuras pode contar connosco, estaremos sempre ao seu lado.”

O Sr. Dinis Abreu disse: “em representação da FECALP quero agradecer toda a atenção que quiseram ter com a etnia cigana no nosso país, particularmente numa altura da nossa história em que a coesão social, a multiculturalidade e os princípios básicos da democracia em que a inclusão social é prioritária, tendem a ser esquecidos e mesmo combatidos a troco de uns votos baseados na hipocrisia e na injustiça; disso resulta o aumento do já enorme sofrimento e exclusão das pessoas reais da nossa etnia.”

Em seguida a autora referiu-se à sua vivência no seio da comunidade cigana, começando por citar um poema seu sobre o Bairro da Bela Vista onde começou a sua vida com os ciganos, cujo título é: “Onde a Vista é Bela” de que reproduzimos duas estrofes:

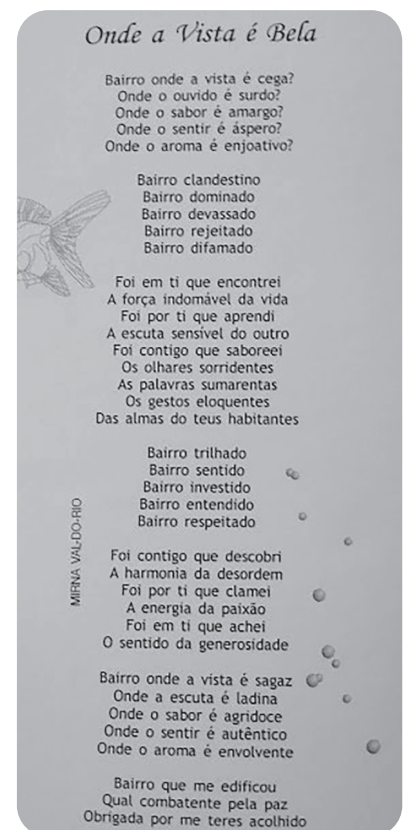
*Foi em ti que encontrei / A força indomável da vida  
/ Foi por ti que aprendi / A escuta sensível do outro  
/ Foi contigo que saboreei / Os olhares sorridentes / As  
palavras sumarentas / Os gestos eloquentes / Das almas  
dos teus habitantes.*

*Bairro que me edificou / Qual combatente pela paz  
/ Obrigada por me teres acolhido.*

Seguidamente MM mencionou a luta pelas crianças no Algarve e o nascimento do Projeto Nómada, projeto piloto em Setúbal no início do Rendimen-

to Mínimo e que se destinava a acompanhar as famílias ciganas nas suas deslocamentos para trabalhar no Alentejo e no Algarve. MM sublinhou que a mudança social requer prazos longos. Referiu a animação de rua nos mercados. “Entre no coração das pessoas pelas crianças” lembrou MM.

O lançamento concluiu-se com a intervenção do Cardeal Patriarca de Lisboa, Sr. D. Manuel Clemente (DMC) que começou por citar o Papa Francisco no seu conceito de sociedade poliédrica constituída por todas as culturas, afirmando: “cada face enriquece o todo e não se perde o conjunto. Assim é mais verdadeiro.” Analisando em detalhe a “experiência muito rica de MM”, refletida no seu livro, cujas passagens citou diversas vezes, DMC assinalou a estrutura vincadamente familiar da cultura cigana e as tensões culturais que terão de se ir ultrapassando com vista à incorporação da mesma no Portugal a reconstruir; um exemplo referido foi o da relação espaço – tempo que é diferente do tempo real ambiente que é tecnocrático. Em termos programáticos, DMC apontou para o relevo dado no livro aos condicionalismos da escolarização e da formação em que se salientam “a progressiva incorporação das crianças e jovens no sistema educativo” e “a implicação das famílias na ação educativa, através de mediadores” (pág. 244). DMC considerou que a cultura cigana é quase uma nacionalidade e fez votos para que todos se sintam em casa, “naquela casa comum que nós havemos de construir e que ainda não existe”, apelando para a criação de “espaços comuns de reconstrução social”.





## D. ANACLETO OLIVEIRA

No dia 18 de setembro o Senhor permitiu levar para a sua glória o Sr. D. Anacleto Oliveira, Bispo de Viana do Castelo. A ONPC une-se ao grande número de manifestações de pesar e de memória agradecida a este Pastor atento e próximo das suas ovelhas. O Sr. D. Anacleto não faltava nas festas de Natal da comunidade cigana de Darque e preocupava-se junto da Câmara de Viana do Castelo, com as condições de habitação desta comunidade. “Vinde, benditos de meu Pai ... pois” não tinha casa onde morar e cuidaste de resolver o problema (Mt 25, 34-40).



Foto Ecclesia

## O SECRETARIADO DIOCESANO DE LISBOA DA PASTORAL DOS CIGANOS (SDL) NA PANDEMIA DO COVID 19

*O SDL publica trimestralmente os Jornais dos seus sete Centros Comunitários. Todos os Jornais do 3º trimestre abriram com esta nota da Presidente do SDL, sobre o trabalho dos Centros em ambiente de pandemia.*

### EDITORIAL

Embora habitualmente esta rubrica seja da responsabilidade de cada equipa, faço questão de assumir neste número, publicando-a nos Jornais de cada valência.

Vem esta decisão a propósito dos meses conturbados que vivemos, mercê da pandemia que nos vem ameaçando. De facto, estávamos a terminar o segundo período de actividades quando tudo começou. Se, já com breves apontamentos da doença, o trabalho desenvolvido o foi em condições normais, o mesmo se não pode dizer do tempo posterior à Páscoa. E, no entanto, estamos aqui porque houve muito trabalho feito! É dele que vos quero dar conta.

De um primeiro momento de sobressalto que, cumprindo as normas impostas, nos obrigou a encerrar os nossos Centros, logo passámos à organização do teletrabalho, cientes de quanto era fundamental continuar a acompanhar os nossos utentes. Sabíamos das dificuldades que teriam em aceder à informação dada pelas escolas e ainda mais realizar, com ritmo, as tarefas propostas. A nossa actividade desdobrou-se então em duas vertentes: contacto com as escolas e, numa dinâmica de ponte, entrega de exercícios, por nós fotocopiados, aos

EE e posterior acompanhamento via mail ou por telefone. Seguiu-se o trabalho inverso, isto é, recolha dos exercícios feitos, respectiva digitalização e envio para os professores. Foi um esforço intenso, com grandes dificuldades, mas que, na sua grande maioria, foi levado a bom termo. Disso nos deram conta, agradecendo, vários Professores dos diversos Agrupamentos com que colaborámos. Mas a nossa alegria maior vem do facto de saber que os “nossos meninos e meninas” “não ficaram de fora”, puderam manter a vida escolar e, desse modo, obter o desejado sucesso. Com actividade proposta directamente pelas nossas Educadoras, o mesmo aconteceu com os utentes do Pré-Escolar, com particular incidência nos que se preparam para ingressar no primeiro ano de escolaridade. A segunda vertente de trabalho a que me refiro, foi a que desenvolvemos ao serviço da Comunidade, cujas Famílias continuámos a acompanhar e, na medida do possível, ajudar. Para tanto se empenharam voluntários e colaboradores. Foi então possível, nalguns casos com o indispensável apoio das Autarquias, fazer distribuição semanal de bens alimentares. Ao longo do período em que vivemos em estado de emergência, tudo o que o SDL recebeu, nomeadamente da generosidade do Banco Alimentar, foi para distribuir pelas Famílias, trabalho que continuamos a manter. E é de justiça registar aqui a disponibilidade da Câmara Municipal de Loures que, em intensa colaboração com o nosso Centro Verdine, sito na Quinta da Fonte, tem

(Continua na pág. 4)

# O SECRETARIADO DIOCESANO DE LISBOA DA PASTORAL DOS CIGANOS (SDL) NA PANDEMIA DO COVID 19

(Continuação da pág. 3)

viabilizado significativas entregas semanais a 120 famílias!

Não me alongarei nas notícias, pois a partir de Junho já tivemos, apenas com uma excepção, a “nossa gente” a frequentar as actividades. Delas serão, pois, os informes a dar neste Jornal.

Como palavra final, fica o agradecimento a voluntários e colaboradores profissionais, pelo seu empenho e dedicação na causa comum e exigente do trabalho que desenvolvemos.

Manuela Mendonça  
Presidente do SDL

*O Jornal do Centro Verdine do SDL dá destaque à seguinte notícia:*

## ÚLTIMA HORA

É com enorme gosto que anunciamos que a Câ-



mara Municipal de Loures acaba de comunicar a atribuição da Medalha Municipal de Mérito à nossa Instituição, reconhecendo assim o trabalho desenvolvido pelo Centro Verdine, ao serviço da população, ao longo dos difíceis tempos que vimos atravessando.

Se é uma alegria grande recebermos este sinal de reconhecimento, não é menor a satisfação de termos podido contar com o incedível apoio da mesma Câmara Municipal para o serviço que prestámos em favor dos mais pobres.

A Direcção da Instituição agradece igualmente a imensa disponibilidade de todos os colaboradores deste Centro, sem cujo espírito de entrega não teria sido possível ir tão longe na resposta aos mais carenciados.

## MONITORIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

(Continuação da pág. 5)

bitação é a área que exige um maior investimento e atenção por parte das entidades governamentais visto que as medidas que têm sido implementadas não são suficientes para garantir a inclusão das comunidades ciganas neste domínio. Assim, esta situação requer um maior investimento (em termos de financiamento e coordenação entre os vários órgãos públicos), bem como um maior envolvimento das administrações regionais e locais.”

Finalmente, a última das recomendações do Relatório e que consideramos a mais eficaz, afirma:

“É essencial criar políticas mais assertivas e desenvolver um programa nacional para a inclusão das comunidades ciganas (programa operacional dos FEEI (Fundos Europeus Estruturais de Investimento) que incluiria alocação financeira especial para o financiamento das medidas incluídas na ENICC).

Já em 31 de julho, em antecipação ao relatório

final, o RCM tinha chamado a atenção para o facto de “as consideráveis discrepâncias entre as políticas que os Estados Membros (EMs) da UE declaram sobre a integração dos ciganos e a forma como essas políticas são implementadas na prática, constituírem matéria para profunda preocupação, já que tal representa **o principal obstáculo para o sucesso da inclusão dos ciganos e para a sua participação na sociedade** (sublinhado da Redacção).

De seguida, o RCM conclui que “a UE precisa de investigar vigorosamente o abuso da aplicação dos fundos europeus na implementação da inclusão dos ciganos e, juntamente com os EMs, assegurar-se da correta implementação da lei europeia existente, incluindo os enquadramentos legais antidiscriminação e antiracismo, aos níveis nacional e local”.

# MONITORIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS NACIONAIS PARA A INTEGRAÇÃO DAS COMUNIDADES CIGANAS (ENICCs)

Em 14 de agosto foi divulgado o Relatório final do Roma Civil Monitor (RCM), projeto da Comissão Europeia, levado a cabo pela CEU (Central European University) de Budapeste, com a participação de diversas estruturas ciganas europeias, entre as quais a Fundación Secretariado Gitano de Espanha e, em Portugal da EAPN (Rede Europeia Anti-Pobreza) Portugal, da Associação Letras Nómadas e da ONPC (ver Caravanas n.ºs 86, 95 e 96). Nas conclusões aponta-se para a necessidade de “definir medidas e programas que fomentem uma inclusão efetiva” das comunidades ciganas. Entre os capítulos que merecem destaque estão o anticiganismo e a discriminação.

Na avaliação geral considera-se que “a maioria dos programas existentes são muito circunscritos e incidem basicamente num nível mais micro, faltando o alargamento e a projeção à escala nacional e uma maior diversidade de atores e de interlocutores para a sua implementação.” Pela sua relevância, reproduzimos os primeiros parágrafos da Introdução do Relatório:

“As Comunidades Ciganas continuam, na generalidade, a ser um grupo social muito exposto a fenómenos de pobreza e exclusão social. De uma forma geral, vivem em condições precárias de habitação, com baixas qualificações escolares e profissionais e com dificuldade de acesso à maioria dos bens e serviços. Desta forma, as Comunidades Ciganas enfrentam processos nos quais se desenvolvem estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias que constituem importantes barreiras à inclusão nas mais diversas áreas da sociedade, incluindo a educação, a habitação, a saúde, o trabalho, o acesso à justiça, entre outros. Estes elementos impedem estes cidadãos de saírem das situações de vulnerabilidade e exclusão social em que se encontram sendo um entrave à sua inclusão. Esta situação constitui um ciclo vicioso que se auto perpetua e que reforça

a exclusão nas suas mais diversas formas.

Assim, é necessário criar as condições necessárias para que a participação destas comunidades na sociedade se realize em igualdade face à restante população, pois viver numa situação de exclusão social significa estar ausente/distante de todos os princípios inerentes ao exercício da cidadania e este requer, por sua vez, um conjunto alargado de direitos e deveres. Neste sentido, a inclusão destas comunidades tem vindo a adquirir uma grande visibilidade na agenda política nacional e europeia. Existe assim a preocupação e a necessidade de estabelecer ações específicas, integradas e eficientes para combater as desigualdades e as desvantagens estruturais que as comunidades ciganas enfrentam em toda a Europa.”

Mais concretamente, relativamente às ENICCs portuguesas, a de (abril) 2013-2020 e a ENICC revista de (dezembro) 2018-2022, o Relatório constata:

“Por um lado, a ENICC apresenta algumas forças: a) Sistematização e planificação de ações específicas para as comunidades ciganas; b) A inclusão social das comunidades ciganas é definida como

prioridade política; c) Verifica-se a promoção da participação e envolvimento das comunidades ciganas na implementação das medidas.

Por outro lado, não podemos descurar algumas debilidades/fragilidades da mesma: a) Objetivos demasiado genéricos e sem objetivos de impacto; b) Sistema de avaliação débil centrado em indicadores quantitativos; c) Fraca conexão da estratégia com a utilização dos Fundos Estruturais, conduzindo à falta de recursos financeiros para dar respostas às necessidades dos territórios; d) Programas e medidas circunscritas apresentando a sua implementação um nível mais micro.”

Nas observações produzidas no Relatório salientamos aquela a que atribuímos maior importância:

“De todas as áreas cobertas pela ENICC, a ha-

(Continua na pág. 4)



Cardenal Patriarca D. Manuel Clemente no lançamento do livro de Myrna Montenegro



# PODEROSOS PLANOS E POLÍTICAS, MAS IMPLEMENTAÇÃO FRACA E RESULTADOS LIMITADOS

Assim define o Relatório de 2020 da FRA (Agência Europeia para os Direitos Fundamentais) a situação da “Igualdade e Inclusão dos Ciganos”

A FRA publicou em 11 de junho o seu Relatório anual que, no que se refere aos ciganos, teve repercussão na comunicação social portuguesa (ver Caravana nº 96). O Relatório da FRA (RF) começa por lembrar que “em 2019 se cumpriram dez anos sobre a adoção pelo Conselho da UE das Conclusões sobre a inclusão dos Ciganos, preparadas na primeira reunião da Plataforma da UE para a Inclusão dos Ciganos. O documento continha 10 princípios básicos comuns para a inclusão dos ciganos. O Princípio 4 apela para políticas de inclusão de todos os ciganos que ‘insiram os ciganos no contexto dominante da sociedade (instituições educativas dominantes, empregos dominantes e habitação dominante)’ e ultrapassem ‘educação ou habitação parcial ou inteiramente segregadas’

onde elas ainda existirem. Mas dez anos de esforços aos níveis da UE, internacional, nacional e local, parece que resultaram em poucas mudanças tangíveis, tal como é evidenciado nos inquéritos e relatórios da FRA e no Relatório da Comissão Europeia de 2019 sobre a implementação das estratégias nacionais para a integração dos ciganos. Muitos ciganos continuam a viver vidas segregadas. Eles enfrentam hostilidade por parte de vizinhos não-ciganos e desconfiam das políticas locais e nacionais que não conseguem dar passos efetivos para enfrentar o antiganismo.”

Relativamente à **habitação**, o RF diz que “em 2019 muitos ciganos por toda a Europa continuaram a viver em áreas segregadas, frequentemente sem acesso a serviços públicos, tais como água potável canalizada, eletricidade, esgotos, transportes pú-

blicos e estradas pavimentadas. Além disso, quando eles se instalam em terrenos públicos ou privados sem licença, eles podem ser objeto de despejos. Isso pode resultar em violações dos seus direitos humanos se eles ficam sem abrigo. O risco é particularmente elevado se se trata de crianças, porque elas são particularmente vulneráveis. Em média 38% dos ciganos vive em casas sem sanita, chuveiro ou casa de banho no interior das suas casas, concluiu o inquérito da FRA de 2016.”

O RF refere o Atlas de Justiça Ambiental, recentemente publicado que “mostra como comunidades ciganas nos arredores de cidades, acabaram por viver nas imediações de instalações industriais abandonadas ou em aterros ou noutros locais usados como depósitos de lixo perigoso ou como descargas de indústrias e complexos mineiros. Este tipo de segregação habitacional pode resultar em

riscos para a saúde a longo prazo, incluindo envenenamento por mercúrio ou chumbo que afetam as crianças. Um mapa interativo mostra os locais de acampamentos ciganos em áreas ambientalmente degradadas e fornece pormenores para cada caso. Ele mostra a dimensão dos problemas ambientais que afetam comunidades inteiras de ciganos. Os criadores do Atlas defendem que isto equivale a racismo ambiental.”

Na secção dedicada às opiniões da FRA, o RF começa por sublinhar que “o Guia da Comissão Europeia para os Estados Membros sobre a utilização de Fundos Estruturais e de Investimento Europeus, quando trata da segregação educativa e espacial exige que em todas as operações de habitação e educativas, o princípio da dessegregação deveria ser considerado como uma primeira opção.”



Dinis Abreu no lançamento do livro de Myrna Montenegro.

# A EUROPA PRECISA DE QUEBRAR O CICLO VICIOSO DE POBREZA E DISCRIMINAÇÃO CONTRA OS CIGANOS E VIAJANTES

Em 23 de setembro, a FRA publicou a sua nova Pesquisa sobre os Ciganos e Viajantes que pela primeira vez compara dados sobre as experiências dos ciganos e viajantes nos direitos fundamentais na Bélgica, França, Irlanda, Holanda, Suécia e Reino Unido.

“Vivendo em alguns dos países mais ricos do mundo, um quarto dos Ciganos e Viajantes na Europa Ocidental, não têm dinheiro para coisas tão básicas como aquecimento ou comida saudável, e até um quinto das suas crianças vão para a cama com fome, conclui a Investigação. Discriminação desenfreada associada a abandono escolar precoce leva a falta de oportunidades de emprego e a pobreza generalizada para muitos. Como resultado disso, a esperança de vida dos Ciganos e Viajantes está dez anos abaixo da esperança de vida da população em geral. Estas constatações deveriam suscitar respostas de políticas na UE e a nível nacional e levar os decisores políticos a trabalhar com os Ciganos e Viajantes para enfrentar a

exclusão e a pobreza.”

“A UE vai em breve dar conhecimento do seu novo Enquadramento Estratégico para a Igualdade, Inclusão e Participação dos Ciganos Europeus. Antecipando-se, a FRA apela à UE e aos seus EMs que trabalhem com as comunidades Ciganas e Viajantes para conceberem políticas e estabelecerem objetivos claros para:

- **melhorar a qualidade de vida**”: habitação, segurança social, saúde, “reduzir a pobreza e eliminar a fome, especialmente entre as crianças.

- **Aumentar as oportunidades de emprego**: os

EMs deveriam encontrar meios de capacitar as mulheres e os jovens a encontrar empregos através de experiência de trabalho, esquemas no sector público e melhor acesso a contas bancárias, por exemplo.

- **Fomentar as perspectivas educativas**”: “criar iniciativas para alcançarem um nível mais alto na escola”.



## QUADRO ESTRATÉGICO DA UE RELATIVO AOS CIGANOS PARA 2020-2030 (QE)

No Boletim Informativo – Rapid – da Representação da Comissão Europeia em Portugal, de 7 de outubro é anunciada a aprovação pela Comissão Europeia, nesse mesmo dia, do novo QE que sucede ao primeiro de 2011. Pela sua importância, transcrevemos a referida notícia. O novo QE foi analisado na reunião do CONCIG (Conselho Consultivo para a Integração das Comunidades Ciganas) no âmbito do ACM (Alto Comissariado para as Migrações) no dia 22 de outubro.

O novo plano a 10 anos, hoje adotado pela Comissão Europeia, inclui uma proposta de recomendação do Conselho que visa apoiar os ciganos na UE. Este plano abrange sete domínios principais: **igualdade, inclusão, participação, educação, emprego, saúde e habitação**. As novas metas definidas para cada domínio e as recomendações da Comissão aos Estados-Membros sobre a forma de as atingir são dois importantes instrumentos que servirão para acompanhar os progressos e garantir que a UE dá passos mais largos na prestação do apoio vital de que muitos ciganos que vivem na UE continuam a necessitar.

A este respeito, a Vice-Presidente da Comissão responsável pela pasta dos Valores e Transparência, Věra Jourová, afirmou: «Colocando a questão de uma forma simples, nos últimos dez anos, não fizemos o suficiente para apoiar a população cigana na UE. Não temos desculpas. Muitos continuam a ser vítimas de discriminação e de racismo e não podemos aceitar isso. Hoje estão a ser envidados novos esforços para corrigir a situação, tendo sido estabelecidas metas claras e renovado o compromisso de realizar mudanças efetivas ao longo da próxima década.»

A Comissária responsável pela Igualdade, Helena Dalli, declarou: «Para se poder transformar numa verdadeira União da Igualdade, a União Europeia precisa de garantir o tratamento equitativo, a integração social e a possibilidade de participação de milhões de ciganos na vida social e política, sem exceções. Com as metas definidas no quadro estratégico hoje apresentado, esperamos realizar progressos efetivos até 2030. O objetivo é

(Continua na pág. 8)



*construir uma Europa onde os ciganos são considerados como fazendo parte integrante da diversidade da União, desempenham um papel ativo na sociedade e são-lhes dadas todas as oportunidades de contribuir e beneficiar plenamente da vida política, social e económica na UE.»*

Embora o objetivo seja a igualdade plena, a Comissão propôs metas mínimas para 2030, partindo dos progressos realizados no âmbito do anterior quadro. O objetivo é, nomeadamente:

- reduzir para, pelo menos, metade a percentagem de ciganos com experiências de discriminação;
- duplicar a percentagem de ciganos que apresentam queixa formal em caso de discriminação;
- reduzir para, pelo menos, metade o fosso existente entre os ciganos e a população em geral no que respeita à pobreza;
- reduzir para, pelo menos, metade as diferenças registadas no acesso à educação na primeira infância;
- reduzir para, pelo menos, metade a percentagem de crianças ciganas que frequentam escolas primárias segregadas nos Estados-Membros com uma população cigana significativa;
- reduzir para, pelo menos, metade o fosso existente no mercado de trabalho e as disparidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego;
- reduzir para, pelo menos, metade a diferença na esperança de vida;
- reduzir no mínimo de um terço o fosso existente no acesso à habitação;
- garantir que pelo menos 95 % dos ciganos têm acesso à água da torneira.

Para atingir estas metas, é fundamental os Estados-Membros levarem a cabo as políticas adequadas. A Comissão deu orientações aos Estados-Membros e estabeleceu uma lista de medidas a tomar para se avançar mais rapidamente no caminho da igualdade, inclusão e participação dos ciganos. Estas orientações e medidas vão desde a criação de sistemas de apoio aos ciganos vítimas de discriminação, passando pela realização de campanhas de sensibilização nas escolas, pelo apoio à literacia financeira, pela promoção do emprego dos ciganos nas instituições públicas e pela melhoria do acesso a exames médicos de qualidade, à despistagem e ao planeamento familiar para as mulheres ciganas.

## Próximas etapas

A Comissão insta os Estados-Membros a apresentarem as estratégias nacionais até setembro de 2021 e a elaborarem um relatório sobre a sua aplicação de dois em dois anos. A Comissão acompanhará os progressos no sentido da realização dos objetivos para 2030, com base nos resultados dos estudos apresentados pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia e nos contributos da sociedade civil. Além disso, será realizada uma avaliação intercalar exaustiva do novo plano a 10 anos no seu conjunto.

## Contexto

Embora tenham sido introduzidas algumas melhorias na UE – principalmente no domínio da educação – a Europa tem ainda um longo caminho pela frente para conseguir uma verdadeira igualdade para os ciganos. A marginalização persiste e muitos ciganos continuam expostos à discriminação, combinada com o antiganismo e a exclusão socioeconómica na sua vida quotidiana.

O novo quadro estratégico da UE relativo aos ciganos representa a primeira contribuição direta para a execução do Plano Europeu de Ação contra o racismo – 2020-2025 e parte do compromisso assumido pela Presidente **Ursula von der Leyen** com vista a uma União da Igualdade.

O novo quadro estratégico da UE para a igualdade, a inclusão e a participação dos ciganos assenta no quadro europeu para as estratégias nacionais de integração dos ciganos até 2020. Prende-se com o trabalho da Comissão noutros domínios, incluindo o Plano Europeu de Ação contra o ra-

cismo 2020-2025, a Estratégia da UE no domínio dos direitos das vítimas e a Estratégia para a Igualdade de Género.

Muitas das áreas políticas associadas às questões da igualdade, da inclusão e da participação dos ciganos constituem, em primeiro lugar, uma responsabilidade nacional. No entanto, a UE desempenha um papel importante na formulação de orientações estratégicas, na coordenação das ações dos Estados-Membros, no acompanhamento da execução e dos progressos, na prestação de apoio, através dos fundos da UE, e na promoção do intercâmbio de boas práticas entre Estados-Membros.



Do Jornal do Centro Mestipen do SDL.



## Vatican News, 8 set

Domingos Pinto entrevistou o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, Myrna Montenegro (MM) e Francisco Monteiro, no lançamento do livro de MM na Feira do Livro.

## RTP 2 – ECCLESIA – “A Fé dos Homens”, 3 set.

Henrique Matos entrevistou Francisco Monteiro sobre o lançamento do livro de MM e sobre a situação atual dos ciganos em Portugal.

## Antena 1 “O Amor é”, 23 jul

Este programa de Júlio Machado Vaz e Inês Meneses foi dedicado à “integração da comunidade cigana no ensino”. Nele se afirmou que a comunidade cigana tem regras próprias e não quer abdicar delas e



Myrna Montenegro no lançamento do seu livro.

que os alunos querem ir mais longe na sua educação. O ensino à distância não é fácil para todos, o que aumenta as desvantagens sociais. Quando as condições de vida são más, isso prejudica a escolarização. Falou-se ainda no orgulho em ser cigano.

## PASTORAL

### Voz da Verdade (13 set)

*“Cada face enriquece o todo” – página principal*

*Cardeal-Patriarca de Lisboa considera que o livro “Aprender a ser cigano hoje” é uma obra “imprescindível para realmente conhecer a comunidade cigana em Portugal”. A autora Mirna Montenegro (MM), testemunha ao Jornal Voz da Verdade (VV) o “quão difícil é viver nas margens”.*

*(Continua na pág. 10)*

## O ERRC (EUROPEAN ROMA RIGHTS CENTRE) REAGE AO NOVO QUADRO ESTRATÉGICO DA UE PARA OS CIGANOS (QE)

Em informação de 12 de outubro, o ERRC com sede em Budapeste, considera que o QE fica aquém nas matérias da brutalidade da polícia, da justiça e da segregação. Embora reconhecendo que o QE representa uma melhoria relativamente ao quadro estratégico anterior, o ERRC (Centro para o Direitos dos Ciganos Europeus) considera que o QE “pouco adianta relativamente aos maus comportamentos da polícia contra os ciganos, à falta de acesso dos cidadãos ciganos à justiça e à persistente segregação de alunos ciganos.”

O ERRC “considera oportuno este compromisso renovado com a promoção da inclusão dos ciganos; mas muito mais é necessário se a Europa quiser cumprir o que a Presidente von der Leyden descreveu como o ‘dever (da UE) a proteger as suas minorias

do racismo e da discriminação’ “. Embora considerando o QE meritório em relação à anterior estratégia, “o problema da implementação mantém-se o mesmo.” “As duas principais áreas são: em primeiro lugar, é necessário um forte condicionamento legislativo de tal forma que os fundos europeus possam ser suspensos para os governos que persistem no abuso dos direitos humanos fundamentais; em segundo lugar, o facto de que os mecanismos que existem, incluindo a Diretiva para a Igualdade Racial (RED), simplesmente não se adequam ao objetivo de proteger os cidadãos ciganos da discriminação. ... Este procedimento opaco nada fez para melhorar o acesso de jovens cidadãos ciganos à educação integrada de qualidade.”

*(Continua no próximo número)*

# CIGANOS SÃO NOTÍCIA

(Continuação da pág. 9)

“Estando com eles, percebi o quão difícil é viver nas margens”

A autora da tese de doutoramento “Aprender a ser cigano hoje – empurrando e puxando fronteiras”, agora publicada em livro pela Editorial Cáritas, fala da sua experiência de mais de vinte anos de trabalho junto da comunidade cigana, onde aprendeu a “fazer dos obstáculos recurso”. Em entrevista ao *Jornal Voz da Verdade*, Mirna Montenegro refere que “ninguém pode ser excluído da sua função de bem-estar com o outro, em qualquer espaço”, e que essa missão, para o bem-comum, é responsabilidade de todos. Publicamos excertos da entrevista:

VV Começou a apresentação do livro ‘Aprender a ser cigano hoje’ por ler um poema que escreveu no ano 2002, num momento de grande «turbulência» no Bairro da Bela Vista, em Setúbal, que conheceu em 1992 – e sublinhava que foi ali que achou o sentido da generosidade” e a “harmonia na desordem”. Foram essas as maiores descobertas que essa realidade lhe foi apresentando?

MM Sim. A maior descoberta foi, no meu curso de educadora, ter tudo planificado e quando cheguei ali “ter deixado de planificar porque tinha que agarrar o imprevisto, o caos e a desordem”, já que “a forma como se lida com o imprevisto, o acaso e a desordem, não cabe nos livros que nos ensinam na escola. Aprendi a fazer dos obstáculos recurso, a dar a volta, a improvisar, a procurar coisas positivas onde as pessoas só vêm negativo.”

... “Tudo o que se apregoa nos livros, tem confirmação na prática ou não”.

VV Na Exortação Apostólica ‘*Evangelii Gaudium*’, o Papa Francisco apresenta a figura do poliedro onde

devem “confluir” todas as partes, mantendo a sua originalidade e procurando assim “um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos”. Este é um objetivo que ainda hoje permanece distante dos nossos responsáveis políticos?

MM “A intenção é essa. Os caminhos para chegar à concretização dessa intenção é que às vezes são desastrosos, desajeitados... Dão azo à violência porque não são suficientemente assertivos, nem incisivos na sua mensagem, no vazio que, às vezes, existe e no qual as pessoas que são a favor da violência se metem”.

VV Como é que olha para a realidade da violência?

MM “Muito preocupada e assutada. Uma pes-

soa que defende ou que tenta dar dignidade à pessoa humana dos ciganos ou das pessoas negras é ostracizada, violentada até pelos brancos, pelos seus pares. É caricato porque se tomo partido ou defendo os que são perseguidos ou rejeitados, sou rejeitada pelos brancos. Isso é muito preocupante”.

VV “O que foi determinante e o que mais a “puxou” para ter co-

meçado a trabalhar junto das comunidades ciganas, e, em particular, junto das crianças?

MM “Em primeiro lugar, porque sou educadora. A minha formação inicial é cuidar das crianças e fazê-las desabrochar. Enquanto educadora, fui colocada ali (Bairro da Bela Vista, Setúbal), pelo Ministério da Educação, num projeto de animação informal e comunitário. Isso é que, para mim, foi a maior dádiva, um acaso que transformou a minha vida. ... Estando com eles, percebi o quão difícil é viver nas margens. Foi uma escolha que fiz porque me apaixonei pelo desafio, pela dificuldade, pela interpelação. ... Sofri na pele o ser emigrante, também sofri xe-

(Continua na pág. 11)



Placa de pasta de modelar alusiva ao conto “Os Ciganos”, de Sophia de Mello Breyner, feita pelos alunos do 6º ano (2019-20) de Educação Tecnológica, do Externato da Luz (Lisboa).

Foto 7 Margens



(Continuação da pág. 10)

nofobia quando estive no estrangeiro. Revi-me nas pessoas que estavam ali comigo, senti-me identificada com elas e tentei, já que tinha esse privilégio, fazer o melhor que pudesse e soubesse para emancipar e libertar essas pessoas e dar-lhes melhores perspetivas de vida, estando com elas com a dignidade que merecem.”

**VV** *Na sua opinião, o que foi mudando e o que falta ainda fazer na integração destas comunidades no nosso país? Como se gere tanta diversidade?*

**MM** “A diversidade vai sendo cada vez maior. Gerir o que é visível e que nos interpela torna-se uma urgência. Gerir a diferença, que é invisível, é uma missão. À medida que vamos desocultando as diferenças culturais, tornam-se tantas e tão diversas que é difícil geri-las sem melindrar”. Cada um de nós deve “tentar não agredir o outro e saber escutá-lo”.

**VV** *Essa missão que, como diz, é de todos nós, também passa pela educação...*

**MM** “Sim, na educação e em tudo o que são espaços públicos. Por exemplo, até nos guichets da administração, temos que dar o exemplo, na forma como atendemos as pessoas. Porque uma pessoa que é mal atendida, agride. Claro que a educação é importante e começa em casa – não na escola. Se as famílias, quando vão ao hospital, à Segurança Social, ao centro de saúde, são mal atendidas, com pedras na mão, levam para casa desaforos e desabafos... as crianças ouvem, as crianças sentem que os pais foram humilhados e levam isso para a escola. E, muitas vezes, a escola é o espelho do que vêm na sociedade. A escola não forma tábuas rasas. Ninguém pode ser excluído da sua função de bem-estar com o outro, em qualquer espaço. Não é a escola que faz milagres.”

**VV** *A partir do seu conhecimento, qual tem sido o contributo da Igreja Católica junto das comunidades ciganas em Portugal?*

**MM** “Como em tudo, há locais onde funciona

melhor e outros menos bem. Da minha experiência, sobretudo no Projeto Nómada, de trabalho em parceria, conseguimos cativar várias parcerias de pessoas muito crentes e ligadas às Igrejas e que participaram nas nossas atividades. Tanto é uma parceria a nível individual, de gente com uma vida paroquial muito intensa e que adere a estas propostas, como pessoas, numa forma organizada, em locais onde trabalhámos, com as misericórdias, com as IPSS de cariz católico... Nós agarrávamos todas as pessoas que nos apareciam, no sentido de as levar a aderir a uma ideia de bem-comum, de dignidade do ser humano”.

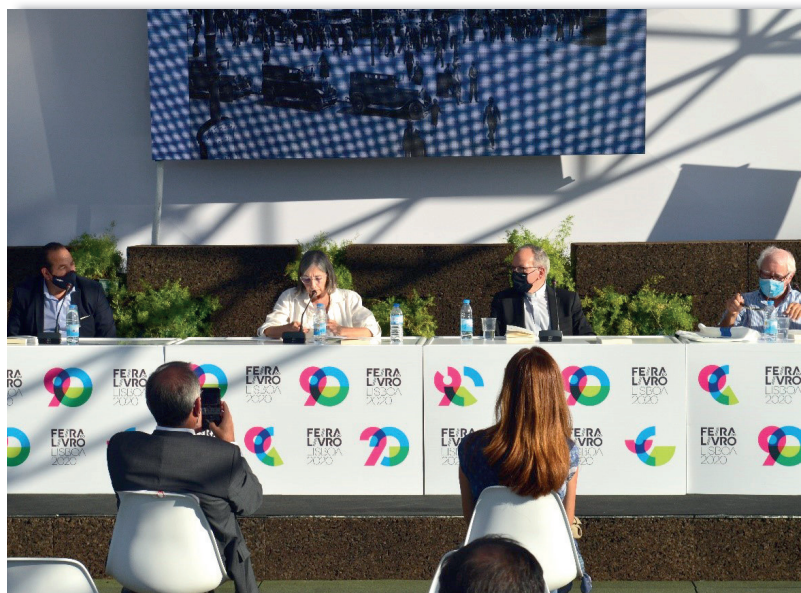
## Uma sociedade onde todos caibam

Na apresentação do livro de MM, “Aprender a ser cigano hoje – empurrando e puxando fronteiras”,

que teve lugar no dia 3 de setembro, na Feira do Livro, em Lisboa, feita pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente (DMC) apelou a uma maior inclusão das comunidades ciganas – e não só – onde cada “contribuição” pode e deve ajudar a reconstruir, como um todo o Portugal de amanhã. Referindo-se à ideia do poliedro do papa Francisco, na sua Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” (nº 236), “como princípio constitutivo de sociedades onde caibamos todos, naquilo que temos em comum e que é próprio de cada um, ... a atual realidade é certamente global, mas que tem muitas faces”, sublinhou D. Manuel Clemente, acrescentando que “cada face enriquece o todo e não se perde o conjunto. Assim, é mais verdadeiro”.

“Nós somos todos portadores de uma memória que se cimentou na nossa infância e que, por vezes, é muito difícil de destruir”, referiu DMC recordando que em Portugal existe atualmente cerca de uma centena de nacionalidades residentes, “com uma enorme variedade cultural e sociocultural nas histórias

(Continua na pág. 12)



(Continuação da pág. 11)

que transportam, consciente ou inconscientemente. (...) Esta inclusão numa sociedade a reconstruir, não será o Portugal do antigamente, será um Portugal novo, que acontecerá com todas estas contribuições bem-vindas”. E classificou esta obra de “imprescindível para realmente conhecer a comunidade cigana em Portugal”.

## Casa comum

“Para que uma inclusão da comunidade cigana possa ter sucesso, DMC apontou um sistema escolar ‘que está dar frutos’, mas em que tudo se articule, não apenas a proposta oficial da escola – porque essa é geral –, mas também a inclusão das famílias, com as suas próprias tradições, através de mediadores e tudo o mais que a sociedade transporta’. ‘Se isto acontecer em relação à realidade cigana e a todas as outras comunidades que aqui temos, tão variadas, elas sentir-se-ão em casa, naquela casa comum que nós havemos de construir e que ainda não existe”. Na criação destes ‘espaços comuns de reconstrução social’, para que todos se ‘ sintam em casa’, mas para isso ‘teremos que ser muito prudentes, cautelosos, nada ideológicos, muito abertos, muito recetivos’, alertou.”



Do Jornal do Centro Verdine do SDL.

## ANTICIGANISMO

Lusa, 8 set

O jornalista Pedro Sousa Pereira interpelou Francisco Monteiro (FM) sobre declarações que André Ventura (AV), presidente do Chega, fez relativamente ao anúncio da candidatura de Ana Gomes (AG) à Presidência da República; nelas AV afirmou que AG seria a candidata das minorias étnicas que não querem trabalhar. O jornalista queria a reação de representantes ciganos, tendo-lhe FM indicado alguns contactos; seguidamente quis a reação de FM. A notícia que a Lusa difundiu e que foi ecoada em: Expresso online, Observador, 7 Margens, Sábado e Público, foi a seguinte:

O diretor executivo da Obra Nacional da Pastoral

dos Ciganos, Francisco Monteiro, disse hoje à agência Lusa que as declarações do líder do Chega sobre os ciganos são hipócritas e ilegais, e que o Estado deve atuar contra o “discurso de ódio”.

“Isto é uma coisa desonesta, é uma coisa suja, reprovável e além do mais ilegal”, disse Francisco Monteiro, reagindo às palavras de André Ventura sobre a candidatura presidencial de Ana Gomes. ...

“Numa certa metáfora, Ana Gomes é a candidata cigana destas Presidenciais. Eu sou o português comum”, disse Ventura, em declarações à agência Lusa.

“É uma afirmação hipócrita e injusta, porque tudo isto só serve para caçar votos da extrema direita. O objetivo do Chega é caçar votos de qualquer maneira: achincalhando, sendo racista, usando o discurso contra os ciganos que ele usa já há muitos anos, desde o tempo em que estava no PSD”, acrescentou o responsável pela Pastoral dos Ciganos.

Para Francisco Monteiro, é “muito importante” que o Estado, “e não apenas o governo”, venha a atuar de forma rápida contra este discurso racista e anticigano.

“Se a Justiça neste país funcionasse como deve ser, com as leis da União Europeia e as nossas sobre o racismo e o discurso de ódio, o responsável do Chega já devia estar com um ‘processo em cima’”, disse ainda o responsável, sublinhando que os ciganos sofrem “infelizmente” todos os dias com este tipo de discurso.

### FICHA TÉCNICA

## a caravana

Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

Propriedade e Editor: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

QUINTA DO BOM PASTOR, EST. DA BURACA, 8/12, 1549-025 LISBOA

TEL. 21 885 5468 - FAX 21 584 9514

Contribuinte N.º 501660054

Email: [pastoralciganos@ecclesia.pt](mailto:pastoralciganos@ecclesia.pt) Internet: [www.ecclesia.pt/pnciganos](http://www.ecclesia.pt/pnciganos)

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 900 exs.

Paginação: Paulo Nunes - Tlm. 934207548

Impressão: OCPM

Isento de registo na ERC ao abrigo da alª a) do nº 1 do artº 12 do D.R. 8/99 de 9/6, com as alterações introduzidas pelo D.R. 2/09 de 27/01.